

Por uma teoria lacaniana das pulsões

Tradução: Luís Alberto Tavares

No *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan faz uma longa retomada do texto de Freud de 1915, *As pulsões e suas vicissitudes*. Trata-se para Lacan de uma releitura da primeira teoria das pulsões à luz da segunda.

Tentaremos mostrar que Lacan não somente retoma de forma esclarecedora um certo número de proposições já implícitas na obra de Freud, como também produz sobre certos pontos uma ultrapassagem e instaura novos avanços concernentes à pulsão.

Esses avanços são novos em relação ao texto freudiano, mas também em relação ao próprio ponto onde Lacan havia deixado a questão quatro anos atrás, no *Seminário 7, A ética da psicanálise*.¹

Iremos inicialmente lembrar os pontos onde Lacan se faz leitor de Freud e esclarece o texto com um tal rigor que a sua leitura é atualmente admitida por numerosos analistas, mesmo entre aqueles que não se referem ao seu ensino. Ainda que o termo ***Trieb*** tenha sido introduzido por Freud, desde 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, é somente em *As Pulsões e suas vicissitudes* que ele dá a este termo uma definição global. Freud toma na introdução desse texto precauções retóricas que

PULSÕES

não lhe são habituais. Ele consagra com efeito as duas primeiras páginas a explicar o que é um conceito no domínio das ciências, e acaba por dizer que mesmo os “conceitos fundamentais”, que foram fixados por convenção nas definições, têm seus conteúdos constantemente modificados, e acrescenta:

Um conceito básico convencional dessa espécie, que no momento ainda é algo obscuro, mas que nos é indispensável na psicologia, é o de “pulsão”.²

P. L. Assoun qualifica essa introdução de “*Discurso do Método da construção metapsicológica*.”³

Parece-me que essas precauções incomuns em Freud indicam que ele não ignora que esse conceito que ele começa a elaborar ainda se acha tomado nas contradições inerentes a todo momento fundador e que será preciso retornar a ele. Essa introdução justifica portanto o empreendimento de Lacan, que começa por abordar um dos maiores pontos de contradição no texto freudiano, o da possível confusão entre o registro da pulsão e o da necessidade vital.

I — Separar pulsão e necessidade, o estudo dos quatro elementos da montagem

Sabemos que Freud considera a pulsão como um conceito limite entre o psíquico e o somático, já que ela é o representante psíquico das excitações provenientes do interior do corpo. Ele diz textualmente por outro lado que a fome e a sede são exemplos disso. A leitura de Lacan visa mostrar que temos aí hesitações mas que o fio que leva Freud a elaborar esse conceito é outro.

Lacan interroga: “*Ora, aquilo de que se trata no que concerne à pulsão, será do registro do orgânico?*” (p. 148; ed. bras.: p. 154).⁴ Ele responde propondo distinguir a pulsão do impulso.

O impulso, de início, vai ser identificado a uma pura e simples tendência à descarga (...) Sem dúvida, aqui também, há estimulação, excitação para empregar o termo que Freud utiliza nesse nível, **Reiz**, a excitação (...) Porém, **Reiz** de que se trata no que concerne à pulsão é diferente (...) é um **Reiz** interno. O que isto quer dizer? ” (p. 149; ed. bras.: pp. 155-156)

Temos, para explicitá-lo, a noção de necessidade, tal como ela se manifesta no organismo, em níveis diversos, e de início no nível da fome, da sede (...) Muito bem! que seja dito que, desde as primeiras linhas, Freud coloca, da maneira mais formal, que não se trata absolutamente, na **Trieb**, da pressão de uma necessidade, tal como o **Hunger**, a fome, ou o **Durst**, a sede. (p. 149; ed. bras.: p. 156)

Com efeito, para examinar o que diz respeito à **Trieb**, refere-se Freud a algo cuja instância se exerce no nível do organismo em sua totalidade? (...) É o vivo que é concernido aqui? Não. (p.150; ed. bras.: p. 156)

A demarcação que Lacan opera aqui não tem apenas um interesse puramente conceitual. Ela tem conseqüências na clínica. Ela permite utilizar o conceito de *fracasso da instalação do circuito pulsional* em certos casos limite como o autismo, por exemplo, sem que se possa argumentar que já que existe vida, manutenção da vida, é porque existe pulsão em funcionamento.⁵ Lacan acrescenta que

Trata-se sempre especificamente do próprio campo freudiano (...) do **Ich**, do **Real-Ich** (...) O **Real-Ich** é concebido como suportado, não pelo organismo inteiro, mas pelo sistema nervoso. Ele tem um caráter de sujeito planificado, objetivado. (p. 150; ed. bras.: p. 156)

Ele vai examinar, com o mesmo rigor, os quatro componentes da pulsão: o impulso, o alvo, o objeto e a fonte, componentes que a

PULSÕES

partir de então não têm “*mais nada de natural*” (p. 148; ed. bras.: p. 154)

... esses quatro termos são disjuntos, diz ele. Eu diria que se há alguma coisa com que a pulsão se parece, é a uma montagem (p. 154; ed. bras.: p. 161). A montagem da pulsão é uma montagem que, de saída, se apresenta como não tendo nem pé nem cabeça – no sentido em que se fala de montagem numa colagem surrealista. (p. 154; ed. bras.: p. 161)

O IMPULSO – O que caracteriza o impulso, a ***Drang*** “*é ser uma força constante*”. Lacan fala aqui de “*força constante*” no sentido de uma energia potencial.

Na pulsão, não se trata de modo algum de energia cinética, não se trata de algo que vai se resolver pelo movimento. A descarga em causa é de natureza completamente diferente, e se coloca num plano completamente diferente. (p. 150; ed. bras.: p. 157)

Ele acrescenta mais adiante: ... as variações profundas, as que se inscrevem na totalidade do organismo, estão submetidas a todos os ritmos, até mesmo às próprias descargas que podem-se produzir na ocasião da pulsão. Contrariamente, o que caracteriza o ***Drang***, o impulso da pulsão, é a constância mantida (...) quando o sistema funciona engatado ao ***Unwelt***, trata-se de descarga, e quando se trata de ***Triebreiz*** [excitação pulsional] desse lado há barreira. (p. 156; ed. bras.: p. 163)⁶

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo (...) [a pulsão] não tem subida nem descida. É uma força constante. (p. 150; ed. bras.: p. 157)

A SATISFAÇÃO – Lacan começa por lembrar o que o próprio Freud diz em *As pulsões e suas vicissitudes* que

... a sublimação é também satisfação da pulsão, ainda que ela [a pulsão] seja *zielgehemmt*, inibida quanto ao seu alvo – ainda que ela não o atinja. A sublimação não é nada mais nada menos que a satisfação da pulsão, e isso sem recalçamento. (p. 151; ed. bras.: p. 157)

Ele acrescenta:

... o uso da função da pulsão não tem para nós outro interesse senão o de colocar em questão o que é da ordem da satisfação.(...) mesmo os seus sintomas [dos pacientes] têm a ver com a satisfação. Eles satisfazem a alguma coisa... (p. 151; ed. bras.: p. 158)

Certamente, o trajeto que o neurótico emprega para satisfazer a pulsão lhe causa muito sofrimento e podemos esperar de uma análise que ela lhe permita poder chegar aí de um modo mais econômico. Lacan conclui entretanto que “*não se pode portanto dizer que o alvo não é atingido quanto à satisfação.*” (p. 152; ed. bras.: p. 158)

Contudo, veremos mais adiante que para Lacan a satisfação consiste no remate* de um circuito em três tempos. Trata-se para a pulsão de completar um certo percurso, que ele denomina caminho: “*O caminho do sujeito passa entre duas muralhas do impossível.*” (p. 152; ed. bras.: p. 158) Se esse impossível reenvia na obra de Lacan ao real, existe todavia verdadeiramente entre as duas muralhas um caminho que deve percorrer o circuito pulsional. É esse percurso que interessa a Lacan na noção de satisfação, que ele insiste em separar radicalmente de toda satisfação de uma necessidade orgânica.

* Prefiro *remate* como tradução para o termo que empreguei em francês, *bouclage*. Lacan não emprega este termo neste seminário. Ele fala de um movimento circular do impulso que parte da borda erógena para voltar a ela, depois de ter contornado o objeto “*a*”. Resumo isto com o termo *bouclage*. (N. da A.)

PULSÕES

O OBJETO – Para melhor distinguir, desde o início, a satisfação de uma necessidade, da satisfação pulsional — o que Lacan chama também exigência pulsional — ele diz:

A pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz (...) porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão (...) essa boca que se abre no registro da pulsão — não é pelo alimento que ela se satisfaz... (p. 153; ed. bras.: p. 159)

Ele lembra também o que já está textualmente em Freud:

No que se refere ao objeto na pulsão, que se saiba bem que ele não tem, propriamente falando, nenhuma importância. Ele é totalmente indiferente. (p. 153; ed. bras.: p. 159)

Mas em seguida Lacan introduz *sua noção de objeto a*, *objeto causa do desejo*. Ele se pergunta qual é seu lugar na satisfação da pulsão. “*A pulsão o contorna*”, diz ele (p. 153; ed. bras.: p. 160).⁷

A FONTE

Por que as zonas erógenas só são reconhecidas nesses pontos que se diferenciam para nós por sua estrutura de borda? E ele especifica: Por que falamos da boca, e não do esôfago ou do estômago?⁸ (p. 153-154; ed. bras.: p. 160)

Isso assume toda sua importância clínica quando nos lembramos a que ponto, nas crianças autistas, essas zonas não fazem borda — seus lábios deixam escorrer a saliva, os esfíncteres não funcionam como tal. Isso por não terem sido zonas de investimento erógeno, por não terem sido tomadas num circuito pulsional.

O que Lacan sublinha a propósito dos quatro elementos da montagem pulsional já está mais ou menos implícito no texto de Freud. Este último todavia encontrava-se, como nós havíamos dito

no início, em um momento de pesquisa, de descoberta destas questões, o que justifica as contradições e retrocessos do seu texto. Lacan veio com sua leitura colocar aí uma ordem incontestável.

Constatamos que Lacan vai manter o termo pulsão unicamente para as pulsões sexuais parciais e vai direcionar tudo o que concerne à conservação do indivíduo — o que Freud denomina as “*Ich Triebe*”, as pulsões do eu — em um registro diferente, ao qual será necessário dar um outro nome. Todo o registro da necessidade fica dessa forma fora do campo pulsional.

Em Lacan a pulsão, portanto, não é mais um conceito de articulação entre o biológico e o psíquico, mas sobretudo um conceito que articula o significante e o corpo. Porém esse corpo não é o organismo, é uma construção que implica uma imagem totalizante, i (a), em cuja composição o olhar do Outro desempenha um papel importante.⁹

O CIRCUITO PULSIONAL – Vimos que a satisfação da pulsão não é nada mais do que a realização de um trajeto em forma de circuito que vem se fechar em seu ponto de partida.

Freud trabalha essa questão do circuito pulsional a partir do sadismo-masiquismo e da pulsão escópica do voyeurismo-exibicionismo. Para ele não se trata nesse momento de estudar as estruturas dessas perversões, mas de recuperar as condições gerais de todo o remate pulsional, ou seja, as condições da satisfação pulsional.

Lacan retoma sua descrição:

O que é fundamental no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura (...) Freud nos apresenta como assentado que parte alguma do percurso da pulsão pode ser separada de seu vaivém, de sua reversão fundamental [*Verkehrung*], do seu caráter circular. (p. 162; ed. bras.: p. 168)

É trabalhando em detalhe esse percurso pulsional em três tempos, descrito por Freud, que Lacan vai introduzir o que me

PULSÕES

parece o mais interessante e o mais inaudível dos elementos de sua concepção da pulsão: o surgimento do sujeito da pulsão. Lacan, munido aí provavelmente da sua experiência clínica, mas sobretudo da lógica interna do seu discurso, força num certo sentido o texto freudiano, forcejo que é em si lacaniano, e ao meu ver extremamente valioso como instrumento de trabalho para algumas clínicas, como a do autismo.⁵

II – O surgimento de um novo sujeito

O sujeito, enquanto sujeito do inconsciente, é um conceito que tem só um desenvolvimento metapsicológico na obra de Lacan. Sabemos que Freud emprega muito pouco o termo *Subjekt* em sua obra, salvo justamente no seu texto de 1915, *As pulsões e suas vicissitudes*, onde ele o emprega oito vezes.

Lacan diz:

Tudo o que Freud soletra das pulsões parciais nos mostra (...) esse movimento circular do impulso que sai através da borda erógena para a ela retornar como sendo seu alvo, após ter feito o contorno de algo que chamo de objeto a. Eu formulo que — e um exame pontual de todo o texto é o que pode por em prova a verdade que avanço — é por aí que o sujeito vem atingir aquilo que é, propriamente falando, a dimensão do grande Outro. (p. 177; ed. bras.: p. 183)

Vemos por esta citação que, para Lacan, o sujeito vem atingir a dimensão do Outro por intermédio do remate da pulsão. Sabemos por outro lado que o sujeito do inconsciente se constitui no campo do Outro. Lacan articula portanto, e, me parece, pela primeira vez em sua obra, o sujeito do inconsciente com o sujeito proveniente do remate pulsional. De qual sujeito trata-se aí então?

Quando ele [Freud] falar dessas duas pulsões [*Schaulust* e sado-masiquismo] e mais especialmente do masiquismo, ele fará questão de marcar que não há dois tempos nessas pulsões, mas três. É preciso distinguir o

retorno em circuito da pulsão disso que aparece — mas também *por não aparecer* — num terceiro tempo. A saber, o aparecimento do *ein neues Subjekt* [um novo sujeito] que é preciso entender assim — não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no momento em que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com sua aparição ao nível do outro que pode ser realizado o que concerne à função da pulsão. (p. 162; ed. bras.: p. 169)

Esse sujeito que surge no momento do remate pulsional parece-me ter permanecido inaudível no meio lacaniano assim como, junto com ele, uma grande parte da teoria lacaniana da pulsão. Lacan nesse parágrafo acossa o mais possível o texto de Freud, o qual situa, com efeito, três tempos na pulsão: um primeiro ativo, indo em direção a um objeto externo, um segundo reflexivo tomando como objeto uma parte do corpo próprio e um terceiro que Freud qualifica de “*passivo*”, onde a própria pessoa se faz ela mesma o objeto de um outro, esse famoso novo sujeito. Lacan atribui a este o caráter de primeiro a advir, já que ele insiste em diversas ocasiões sobre o fato de que não existe aí, antes desse terceiro tempo, um sujeito da pulsão. Antes do seu remate a pulsão *se manifesta sob o modo de um sujeito acéfalo*. (p. 165; ed. bras.: p. 171)

Esse parágrafo suscita então algumas observações. Lacan afirma aí que esse novo sujeito é propriamente o outro, e alguns colegas que aceitaram atrelar-se a ele de forma séria,¹¹ só encontraram como solução supor que o termo “*outro*” (com um *o* minúsculo), que aparece diversas vezes no texto, pudesse ser um erro de retranscrição na publicação do Seminário. Esta não é a minha opinião. Parece-me que a fidelidade de Lacan ao texto de Freud — quer na relação *ver-ser visto*, quer na relação *sadismo-masochismo* — necessita que haja intervenção de um *outro* em carne e osso. Mas posso compreender que seja difícil aceitar que o lugar do “sujeito da pulsão” possa ser ocupado por um pequeno

PULSÕES

outro. Isto suscita com efeito pelo menos dois problemas: primeiro o da real alienação que isto suporia; em seguida o da relação entre esse pequeno outro e o sujeito do inconsciente, o qual se situa no campo dos significantes do Grande Outro.

Para tentar responder a isso, lembremo-nos de início que é nesse mesmo *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, no qual estudamos o conceito de pulsão, que Lacan enuncia que existem duas operações de causação do sujeito: a alienação e a separação. Parece-me que a noção de surgimento de um novo sujeito vem sustentar a instauração da possibilidade desse primeiro tempo constitutivo que é a alienação.

Em seguida vimos que Lacan diz duas coisas diferentes, a saber, que no terceiro tempo do remate pulsional, é junto ao *outro* que o *Ich* virá se assujeitar, se fazer objeto (p. 162; ed. bras.: p. 169); e por outro lado que é pelo remate pulsional que o sujeito (da própria pessoa) atinge a dimensão do Grande Outro (p. 177; ed. bras.: p. 183). Se quisermos ser coerentes com o texto do Seminário — supondo que não haja erro de retranscrição acerca desse ponto — é preciso ver aí uma ligação entre esse Grande Outro e esse pequeno outro.

Mas isso não é tão surpreendente. Lembremo-nos que Lacan já havia colocado alguma coisa dessa ordem no Seminário do ano precedente, *A Angústia*. Ele avançava que o Outro real, o Outro primordial, aquele que é freqüentemente encarnado pelos pais, ou mesmo pela mãe, tinha um duplo papel a desempenhar. Ela era certamente o outro da relação dual, e ao mesmo tempo o Outro, lugar do tesouro dos significantes e também, enquanto Grande Outro barrado, suporte do olhar constituinte do eu no espelho plano opaco. Porém, já desde o *Seminário 5, As Formações do Inconsciente* — a propósito da terceira pessoa do chiste, aquele que escuta e ratifica — Lacan tinha introduzido a noção de um Outro real corporificado na figura de um outro próximo.¹²

Portanto, no seu Seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, nas aulas relativas à pulsão, Lacan

enuncia o assujeitamento, por um lado, do *Eu [je]* a um pequeno outro, do qual trata-se de fisgar o gozo. Esse pequeno outro torna-se por isso “*sujeito da pulsão.*” Isto é perceptível quando ele afirma:

a possibilidade da dor é experimentada por aquele que, neste momento, se tornou o sujeito da pulsão. (p. 167; ed. bras.: p. 175) E ainda o sujeito se aperceberá que seu desejo é apenas vão desvio para ir à pesca, ao fisgamento do gozo do outro... (p. 167; ed. bras.: p. 176)*

Mas, por outro lado, na aula seguinte do Seminário, vemos Lacan enunciar a submissão do mesmo sujeito ao campo do Outro. Ele diz, com efeito: “... *o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro*” (p. 172; ed. bras.: p. 178). Mas ele especifica logo em seguida de que Outro está falando. Do *Outro real* (p. 172; ed. bras.: p. 178). Para acrescentar mais adiante:

O que é que esse breve sobrevôo nos revela? (...) a pulsão, invaginando-se através da zona erógena, está encarregada de ir buscar algo que, de cada vez, responde no Outro? (p. 178; ed. bras.: p. 185)

Poderíamos então dizer que através da sua teoria das pulsões, Lacan propõe reduplicar a questão do surgimento do sujeito (do inconsciente, sujeito da subjetivação) ao campo do Outro, em seu laço com o significante, com o surgimento do sujeito num laço de assujeitamento ao Outro real, que aparece aí em sua dimensão ao mesmo tempo de pequeno outro e de Outro, desdobramento necessário para que possamos falar do seu desejo ou do seu gozo. Parece-me que isso corresponde ao duplo escalonamento do gráfico do desejo: na parte inferior, à direita, o Outro, lugar do tesouro dos significantes, e na parte superior, à esquerda, o significante do gozo do Outro, S (A).

*Lacan não gosta do masoquismo. Classifica portanto este desvio para ir à pesca do gozo do outro como “vão”. Ele me parece constitutivo do aparelho psíquico do bebê. (N. da A.)

PULSÕES

A propósito da sexualidade, Lacan diz que a psicanálise só a toca no que, na forma de pulsão ela se manifesta no desfiladeiro do significante, onde se constituiu a dialética do sujeito no duplo tempo da alienação e da separação. (p. 239; ed. bras.: p. 252)

Eis aqui portanto rearticulado o sujeito, constituindo-se no campo do significante, com a questão da pulsão. Lacan consagrará várias aulas ao tema da constituição dialética do sujeito, entre alienação e separação. Parece que a instalação do terceiro tempo do remate pulsional instaura a alienação na sua dimensão real. No terceiro tempo, *Ich* “se faz”¹³ objeto para um “*novo sujeito*”, assujeitando-se aí. E é então que vemos surgir esse sujeito novo, que não é *Ich* mas o outro. Falar de alienação real me parece sustentável aqui, mesmo se a expressão não se encontra enunciada como tal em Lacan — alienação real visto que o sujeito do meu circuito pulsional não é o *Eu [je]* mas o outro...

Essa alienação real vem se enodar à alienação simbólica que consiste no fato de que quando *Eu* falo é pelos significantes do Outro, e logo numa alienação inevitável. Finalmente, o assujeitamento a esse outro, sujeito da pulsão, tende a dar ao *Ich* um corpo através do enodamento possível com a dimensão imaginária da alienação, aquela que implica a constituição do eu [*moi*] na imagem especular do semelhante.¹⁴

III — A pulsão presentifica a sexualidade ao mesmo tempo que a morte

Como vimos, Lacan recusa o dualismo da primeira tópica, que opõe pulsões sexuais e pulsões do eu. Ele reserva a palavra *pulsão* apenas para as pulsões sexuais parciais. Sabemos que o próprio Freud não conservou esse dualismo e elaborou sua segunda teoria das pulsões, na qual reagrupou as pulsões sexuais parciais e as pulsões do eu, sob o comando da pulsão de vida, oposta à pulsão de morte. Veremos que Lacan recusa também o dualismo pulsão de vida-pulsão de morte. Não se trata para ele senão de dois aspectos constitutivos de toda pulsão.

Esta é uma conseqüência à qual Lacan vai progressivamente chegar, justamente porque ele reserva o termo pulsão apenas para as pulsões sexuais parciais. Ele afirma claramente:

Se (...) a pulsão (...) representa, e ainda que parcialmente, a curva da efetuação da sexualidade no ser vivo (...) como espantar-se que seu último termo seja a morte? (p. 162; ed. bras.: p. 168)

Lacan retoma a fórmula de Heráclito num jogo de palavras, que condensa muito bem o seu propósito: *o arco (bios) chama-se vida (bios) mas seu alvo é a morte*. E ele chega mesmo a concluir que então:

a pulsão parcial é fundamentalmente pulsão de morte. (p. 181; ed. bras.: p. 195)

Isto é coerente com o que Lacan coloca a propósito da libido, que ele define como

... a relação do sujeito vivo com aquilo que ele perde por ter que passar, para sua reprodução, pelo ciclo sexual.

Explico assim a afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte, e concilio as duas faces da pulsão — que, ao mesmo tempo presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte. (p.181; ed. bras.: p. 188)

Vemos então que para ele toda pulsão, na medida em que ela remete ao ser enquanto sexuado, implica que esse ser seja sujeito à morte.

Lacan conclui então que:

A distinção entre pulsão de vida e pulsão de morte é verdadeira na medida em que manifesta dois aspectos da pulsão. Mas com a condição de conceber que todas as pulsões sexuais se articulam no nível das significações no inconsciente, na medida em que, o que elas fazem surgir, é a morte — a morte como significante e nada

PULSÕES

mais que como significante, pois será que se pode dizer que há um ser-para-a-morte? (p. 232; ed. bras.: p. 243)

Vê-se portanto que Lacan recusa a segunda teoria das pulsões de Freud na medida em que ela implicaria uma oposição entre uma pulsão de vida distinta da pulsão de morte. Sabemos entretanto que Lacan faz absolutamente questão do dualismo. Mas então onde situar nele a oposição dualista no aparelho psíquico?

Dissemos que todo o registro da necessidade, o registro portanto da sobrevivência do indivíduo, o registro daquilo que Freud chamava *Ich Triebe* (pulsões do eu) cai fora do campo pulsional. Onde? Do lado do amor. Não é entre o campo do amor — campo narcísico, diz Freud — e o da pulsão, que reside o ponto onde Lacan faria funcionar um dualismo?

IV — A oposição “do campo pulsional e do campo narcísico do amor” (p. 182; ed. bras.: p. 189)

Com efeito, Lacan afirma explicitamente:

Neste nível, não há traço de funções pulsionais, senão das que não são verdadeiras pulsões, e que Freud chama em seu texto as *Ichtriebe*. O nível do *Ich* é não-pulsional, e é aí (...) que Freud funda o amor. (p. 174; ed. bras.: p. 181)

Continua em aberto a questão de saber de qual amor Lacan fala aqui. Parece que o termo não é empregado no sentido dos seminários precedentes, onde tratava-se do amor de dar o que não se tem. Lacan apoia-se no que Freud traz, sempre nas *Pulsões e suas vicissitudes*. Trata-se de desfazer a ilusão possível de uma *Ganzen Sexualstrebung*, isto é, de colocar que não existem senão pulsões sexuais parciais. Para melhor distinguir os registros, Lacan chega a dizer que se o sexual vem do coração, “o amor, do outro lado, ele vem do ventre, é o que é bom-bom” (p. 173; ed. bras.: p. 179). Ele conclui:

Tudo o que ele [Freud] diz do amor vai acentuar que para conceber o amor, é a uma espécie de estrutura

diferente daquela da pulsão que é preciso necessariamente referir-se. (p. 173; ed. bras.: p. 179)

Mas para compreender essa estrutura é necessário distinguir as suas origens e o seu funcionamento. Iremos então abordar o fator econômico e sobretudo o papel do sistema homeostático e do princípio do prazer.

Lacan nesse Seminário impele Freud às últimas consequências de seus próprios paradoxos quando esse último faz do amor uma paixão sexual do *gesamt Ich*. De início é difícil traduzir esse termo pois o *Ich* em questão aqui está aquém da constituição imaginária do eu. Seria ainda mais absurdo falar de um eu completo. A tradução para *Eu [je]* corre o risco também de fazer confusão com o sujeito do inconsciente. Lacan não traduz o termo *Ich* e contenta-se em explicar que trata-se aqui de uma rede cujo circuito fechado marca o que se deve conservar da homeostase tensional. Ele fala de *filtração da estimulação à descarga* e toda sua passagem evoca claramente o *Projeto de uma psicologia científica*. Ele utiliza sua leitura do *Projeto* para escutar o que Freud, no seu texto de 1914, denomina *Real Ich*. Lacan diz:

podemos concebê-lo (esse *Real Ich*) como um sistema nervoso central, na medida que ele funciona como sistema destinado a assegurar uma certa homeostase das tensões internas.

Depois ele continua:

... o segundo tempo, o tempo econômico, consiste justamente nisto, que o segundo *Ich* (...) é o *Lust Ich* que ele diz *purifiziert* [purificado] (...). O campo do *Lust Ich* supõe ... que não haveria surgimento dos objetos se não houvesse objetos bons para mim. Ele é o critério do surgimento e da repartição dos objetos. (p. 174; ed.bras.: p. 180).

PULSÕES

Porém os bons objetos são absorvidos pelo eu através do mecanismo de incorporação e desaparecem enquanto objetos, de maneira que restam apenas os maus, aqueles que são rejeitados pelo eu, os estrangeiros, que podem ser objeto do conhecimento.

Lacan chega a opor o nível do *Ich* ao sujeito:

No mundo do *Real Ich*, do eu, do conhecimento, tudo pode existir como agora, inclusive vocês e a consciência, sem que haja para isso, (...) o mais mínimo sujeito. (p. 180; ed. bras.: p. 187).

Vimos a que ponto o remate pulsional fazia corpo com a questão do surgimento do sujeito. E eis aí que todo o sistema do *Real Ich - Lust Ich*, isto é, o campo narcísico do amor, pode perfeitamente funcionar sem esse sujeito. Eis aqui algo que parece indicar com certeza um dualismo em Lacan.¹⁵

Notas

¹ Para um trabalho acerca da história do conceito de pulsão na obra de Lacan seria necessário precisar as retomadas e as modificações que aconteceram entre esses dois Seminários. Não poderemos fazê-lo aqui; lembremos somente que no Seminário de 60, Lacan apoia-se sobretudo no seu comentário do *Projeto* e da *Negação*, enquanto que quatro anos mais tarde, será sobre o das *Pulsões e suas vicissitudes* que ele centrará seu argumento. Se no primeiro o circuito girava em torno de um vazio central que era o lugar da Coisa (*das Ding*), no segundo Lacan já dispõe do conceito do objeto *a*, em torno do qual ele fará girar o circuito pulsional.

² *E.S.B.*, vol. XIV. RJ: Imago, 1974, p. 137-138.

³ ASSOUN, P. L.: *Introduction à l'Épistémologie Freudienne*. Paris: Payot, 1981. O autor faz aqui um paralelo entre essa introdução de Freud e a obra de Mach: *Connaissance et*

Erreur, onde encontramos uma tentativa de colocar em continuidade a física e a psicologia.

⁴ Colocaremos em cada citação o número da página onde ela se encontra na edição da Seuil desse Seminário. [Os números da edição brasileira referem-se ao *Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. RJ: J.Z.E, 1979. N. dos E.]

⁵ No que se refere às aplicações clínicas ver: Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional. Neste volume.

⁶ Esse termo de “*barreira*” remete ao *Projeto de uma psicologia científica*, texto de Freud que Lacan havia comentado em 1960, em seu Seminário 7, *A Ética da Psicanálise*.

⁷ A propósito do objeto *a*, ver o artigo correspondente no *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris: Larousse, 1993.

⁸ Ele retoma a mesma idéia na p. 157, op. cit. (ed. bras.: p. 163)

⁹ Ver a esse propósito: Os efeitos da palavra sobre o olhar dos pais, fundador do corpo da criança. Neste volume.

¹⁰ Cf. nota 5.

¹¹ HOFFMAM, C.: Le clivage du sujet par la pulsion. In *La clinique de l'autisme*, op. cit.. Ele cita aí um trabalho de E. Porge a esse respeito.

¹² Ver as aulas de 6 e 13 de novembro; de 4, 11 e 18 de dezembro de 1957.

¹³ A propósito do terceiro tempo do remate pulsional Lacan propõe (p. 178; ed. bras.: p. 184) em lugar do termo passividade, falar preferencialmente de uma forma particular da atividade, aquela de se fazer. Se fazer ver, se fazer ouvir, se fazer papar, se fazer chupar e mesmo se fazer encher o saco, situação bem conhecida de todo psicanalista.

- ¹⁴ Parece-me possível colocar a hipótese de um fracasso nos autistas do tempo *alienação* da constituição do sujeito; e isso dentre outras coisas pela impossibilidade ou a recusa do remate do terceiro tempo do trajeto pulsional — tempo onde o *Ich* se faz objeto de um novo sujeito. Essa hipótese poderia particularmente dar conta do fato que constatamos algumas vezes, neles, uma linguagem que não se encarna, e que parece indicar uma captura num *Outro simbólico-puro código*, sem poder articular-se a um *Outro real* que poderia encarná-la, sem que exista tampouco, no mesmo movimento, acesso ao estádio do espelho e à constituição de um eu e à alienação imaginária que essa instância comporta.
- ¹⁵ R. Chemama me fez observar que se em Freud há um sistema de oposição, em Lacan havia pelo menos três: o lado bi-face de toda pulsão, entre o sexual e a morte; a oposição que acabamos de descrever, entre o campo pulsional e o campo do amor, e ainda uma terceira: a oposição entre pulsão de morte e instinto de vida ligado à libido.

Referências bibliográficas

- ASSOUN, P. L. (1981) *Introduction à l'épistémologie freudienne*. Paris: Payot.
- FREUD, S. [1915] Os instintos e suas vicissitudes. In *E.S.B.* vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. [1905] Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *E.S.B.* vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. [1959-60] *Le Séminaire, livre VII, L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1986. Ed. bras.: *O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise*. RJ: J.Z.E., 1988.
- _____. [1962-63] *Le Séminaire, livre X, L'Angoisse* (inédito).

A VOZ DA SEREIA

LACAN, J. [1964] *Le Séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973. Ed. bras.: *O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. RJ: J.Z.E., 1979.